

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA PARA A CIDADANIA PLANETÁRIA

IZABEL PETRAGLIA – UNIFMU/GEPEC – IZABELPETRAGLIA@TERRA.COM.BR, NELSON FENDER – UNIFMU/GEPEC – NELSON.FENDER@VOCARECARREIRA.COM.BR, VAGNER ALCIDES DE JESUS – UNIFMU/GEPEC – VAGNERJESUS60@GMAIL.COM

EIXO TEMÁTICO 10: PROJETOS ENVOLVENDO AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, CRIAÇÃO DE REDES PARA FORTALECIMENTO DE UMA CIDADANIA PLANETÁRIA

RESUMO

Com o célere avanço das tecnologias, a Educação à Distância – EAD constitui-se como importante modalidade no cenário educacional brasileiro, exigindo atenção das políticas públicas, sobretudo nas últimas décadas. Refletir sobre essa prática é objetivo desse texto, cuja metodologia restringe-se à pesquisa bibliográfica e o referencial norteador é a epistemologia da complexidade, de Edgar Morin e a transdisciplinaridade. A fim de ampliar o debate sobre o tema que se justifica esse estudo, ainda introdutório, com destaques para a presença da EAD no mundo e no Brasil e da perspectiva complexa e transdisciplinar com vistas à formação para a cidadania planetária. O texto trata também de desafios da EAD, cujo enfrentamento se inicia com o estabelecimento do diálogo e o compartilhamento de resultados já produzidos em ambientes virtuais. É preciso, portanto, aprender com os erros e acertos de novas e diferentes práticas educacionais, ampliar o olhar e direcioná-lo às possibilidades de inserção dos sujeitos na sociedade e no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: educação à distância, pensamento complexo, transdisciplinaridade, cidadania planetária.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a Educação à Distância – EAD como modalidade, capaz de alavancar e disseminar o conhecimento, ampliar horizontes e contribuir com a formação e a instrução de pessoas no contexto educacional brasileiro. Para isso, nos apoiamos no referencial do pensamento complexo, de Edgar Morin, com a perspectiva de uma educação planetária, multidimensional e transdisciplinar, enquanto que a pesquisa se limita ao estudo bibliográfico.

Pensar em educação é compreender a produção do conhecimento em prol de resultados, quer sejam individuais, quer sejam coletivos.

Edgar Morin (2003), em seu livro *Cabeça Bem Feita* considera que a missão da educação não é transmitir o mero saber, mas que esse saber seja educativo, que nos ajude a viver a partir da compreensão da nossa própria condição humana, por meio de

um pensamento aberto e livre. O autor entende ainda, que, a educação pode nos ensinar a assumir a parte prosaica e a viver a parte poética da nossa vida.

Etimologicamente, a palavra educação, do latim –*educere* –, significa a atividade de conduzir para fora, ou seja, preparar para o mundo. O processo de educação nasce com a humanidade e evolui ao longo do tempo, adquirindo novas teorias e métodos. Compartilhamos da visão complexa de educação que nos apresenta Edgar Morin (2003, p. 65): “*A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão*”.

O processo educacional atual seja tradicional e/ou presencial insere o aluno num ambiente que agrega múltiplos aspectos: estratos socioeconômicos diversos, emoções dialógicas, culturas distintas. Trata-se de um ambiente impregnado de heterogeneidade, capaz de dar início à transformação de paradigmas e também indicar que esse contexto tem grande significado para os alunos. Então, como compreender novas modalidades e métodos educacionais em um mundo cada vez mais globalizado e planetário?

Paulo Freire (2015, p.127), em seu livro *Pedagogia da Autonomia* já nos alertava sobre a importância dos saberes pertinentes, ao afirmar: “*O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem para mim, sua significação*”

O processo educacional escolar, formal, desde o início, teve uma modalidade presencial com forte interação entre estudante e o meio escolar, professores, outros alunos, comunidade onde estão inseridos. Todavia, por conta da necessidade de ampliação do acesso ao ensino, surgiram novos métodos e práticas educacionais, mesmo subtraindo do aluno o meio escolar, tão importante à aprendizagem.

A EAD é uma modalidade que pouco aproxima o estudante do meio, tanto no espaço físico, quanto no tempo. (MORAN, 2002). Mas, por outro lado, ela tem possibilitado aprendizagem e inclusão de pessoas que, marginalizadas do processo educacional, quer seja por residir longe da escola, quer seja por não disporem de tempo livre para frequentarem as aulas, acabam por realizá-lo de modo virtual, por meio da tecnologia.

Para Preti (1996, apud ALVES, 2011, p. 84):

A crescente demanda por educação, devido não somente à expansão populacional como, sobretudo às lutas das classes trabalhadoras por acesso à educação, ao saber socialmente produzido,

concomitantemente com a evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos está exigindo mudanças em nível da função e da estrutura da escola e da universidade.

Nesse novo cenário a EAD torna-se um instrumento fundamental para as possibilidades de expansão da cultura e do conhecimento. Cabe, também, ressaltar que essa modalidade de ensino, por força da legislação vigente, - Decreto Federal número 5622, de 19 de dezembro de 2005 - exige momentos presenciais e processos avaliativos com mensuração do conhecimento adquirido, como definido a seguir:

§ 1º. A Educação a Distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I – Avaliações de estudantes;

II – Estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

III – Defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente e,

IV – Atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso.

Diversas pesquisas relevantes já foram realizadas no Brasil, a respeito da efetividade do EAD. Dentre elas, destacamos quatro:

1 – Ferraz e Mercado (2012) procuraram investigar a pertinência das atividades de aprendizagem no ambiente Moodle do curso de Pedagogia à distância da Universidade Aberta do Brasil, Universidade Federal de Alagoas – UAB - UFAL, trabalhando com a hipótese de que não existe correlação entre as atividades de aprendizagem e os objetivos previstos nos planos de curso de Pedagogia. Os autores apontaram para as dificuldades do docente no desenvolvimento de materiais didáticos que, facilitem o processo de aprendizagem dos alunos com esse tipo de ferramenta.

2 – Teixeira; Alves de Sales; Tenório; Tenório (2015) em artigo para a *Revista Iberoamericana de Educación a Distancia – RIED* realizaram uma análise da percepção das competências comportamentais, mais precisamente aceitação e honradez utilizadas nas práticas pedagógicas de tutores de cursos de EAD. Nesse estudo, foi verificado que os tutores consideram tais competências como importantes para a realização do trabalho, pois, a partir delas é possível a aproximação com os alunos conquistando assim sua confiança e criando pontes.

3 – Dermínio-Posteare (2015) em sua dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara pesquisou sobre o elemento humano no processo de educação com uso de tecnologias e apontou para divergências existentes entre os perfis prescritos e os manifestados de tutores de programas de públicos da Universidade Aberta do Brasil e da Escola Técnica Aberta do Brasil, em suas práticas pedagógicas.

4 – Martins (2003) em seu artigo “*Teoria e prática tutorial em educação à distância*” analisa a nova concepção necessária de ensino que surgiu a partir da diminuição do espaço presencial da sala de aula e da exigência da interlocução contínua entre alunos, docentes e tutores.

Embora muitos estudos sobre EAD sejam realizados atualmente, graças ao seu significativo avanço, abrangência e quantidade de programas ofertados, entendemos que ainda haja algum preconceito e/ou desinformação no que concerne essa prática educacional. Nesse sentido que se justifica esse estudo, ainda introdutório. Apresentaremos aqui, aspectos da EAD no mundo e no Brasil; por uma EAD complexa e transdisciplinar e; desafios da EAD para uma formação cidadã.

EAD NO MUNDO E NO BRASIL

Para Golvêa & Oliveira (2006) o processo de EAD ocorre desde os tempos de Cristo, quando nas epístolas de São Paulo às comunidades Cristãs da Ásia Menor, ensinavam como viver dentro da doutrina. Essas cartas foram enviadas por volta de meados do século I.

Mas, a EAD ganha força por volta do século XVIII, com importantes acontecimentos. Grande marco ocorre em 1728, quando a Gazeta de Boston, nos Estados Unidos, anuncia o seu primeiro curso voltado à formação de professores por correspondência. A partir daí, cursos à distância se espalham pelo mundo. Em 1829 tem início na Suécia, no Instituto Líber Hermondes; em 1840, no Reino Unido, na Faculdade Sir Isaac Pitman; em 1856, em Berlim, a Sociedade de Línguas Modernas patrocina o ensino do idioma Francês; em 1922 na União Soviética e; em 1935, também no Japão. (VASCONCELOS, 2010; GOLVÊA & OLIVEIRA, 2006).

No Brasil, muito da prática inicial da EAD ficou sem registro, todavia, em 1904, o Jornal do Brasil publicou na seção de classificados um curso de datilografia por correspondência. Entre 1922 e 1925, Edgar Roquete Pinto lança diversos cursos profissionalizantes na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fazendo uso do rádio para a

realização das aulas. Com o sucesso desta empreitada, em 1933, ele instala a Rádio Escola Municipal, no Rio de Janeiro. Em São Paulo nasce o Instituto Monitor, em 1939, que oferecia cursos profissionalizantes e em outubro de 1941 é fundado o consagrado Instituto Universal Brasileiro, também com cursos profissionalizantes, alcançando na década de 80 a marca de mais de 4 milhões de pessoas formadas e cerca de 200 mil alunos cursando.

Essas iniciativas contaram com apoio governamental e, em 1970 é lançado o Projeto Minerva, convênio estabelecido entre o Ministério da Educação, a Fundação Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, com objetivo de usar a rádio para realizar a educação de adultos. Esse projeto foi mantido até o início dos anos de 1980.

Em 1976 é criado o Sistema Nacional de Teleducação e em 1979 a Universidade de Brasília lança o primeiro curso superior à distância. Em 1989, essa iniciativa é transformada no Centro de Educação Aberta Continuada a Distância (CEAD).

As ações não pararam até hoje e, cada vez mais, são propostos novos cursos, novas atividades que se vinculam aos programas à distância, com iniciativas privadas e organizações não governamentais que também se envolvem nessa prática.

Com o avanço da tecnologia, a EAD ganha fôlego e agilidade com conteúdos e recursos didáticos apropriados, para garantir ensino e aprendizagem de forma interativa pautados em currículos aprovados pelos organismos educacionais competentes e, que contemplam diferentes saberes.

Outra ação inserida no contexto educacional, capaz de estimular a produção de novos conhecimentos, de forma lúdica e descontraída, é a prática de jogos. O uso de jogos na educação é positivo já que eles interagem com emoções e sentimentos do ser humano de forma leve, livre, solta e que possibilita a exploração de conteúdos. Para Mello (1989) o jogo tem importante função pedagógica e até meados do século XX não era suficientemente valorizado pela escola. A partir de então, os jogos começam, paulatinamente, a ser inseridos no ambiente educacional e ganham reconhecimento pelos estudiosos da Educação. Vale ressaltar que a área da Psicologia teve forte papel na disseminação dessa prática, validando a sua eficácia na construção do conhecimento e no desenvolvimento sociocultural dos sujeitos.

Buscando na história, em torno do ano 3.000 a. C., os jogos eram usados pelos Gregos, com o intuito de garantir questões estéticas e físicas, já pelos Romanos o objetivo do uso de jogos era a formação de soldados, fisicamente bem preparados. Com a evolução do Cristianismo e a propagação de seus dogmas disciplinadores, o jogo

passa a ser visto como atividade que transgride as regras disciplinares que a Igreja impõe aos seus fiéis, porém no Renascimento, as práticas são reconsideradas e os jogos passam a integrar novamente o processo de ensino-aprendizagem.

O jogo possibilita a interação com diversas atividades e pode integrar diferentes saberes, construir, ressignificar e redirecionar conteúdos que se pretende transmitir de forma lúdica e agradável, além de propiciar a liberação de diversas emoções.

POR UMA EAD COMPLEXA E TRANSDISCIPLINAR

Na busca de um entendimento sobre o conceito de EAD atual, encontramos várias explicações. Destacamos aqui, a de Moran (2002) que define este tipo de educação como um processo de ensino-aprendizagem com alunos e professores separados fisicamente, que se utilizam da tecnologia para conseguirem se comunicar. Essa forma de educar pode ser considerada positiva, sobretudo por permitir ao aluno flexibilidade de horários para o estudo, resolução de problemas decorrentes da distância física, de salas de aula superlotadas nas escolas, de modo geral e, etc.

E, mais do que isso. Concordamos com Pesce e Hessel quando destacam a importância da perspectiva de alteridade e a interação de sujeitos nos ambientes virtuais de aprendizagem – AVA. As autoras afirmam (2009, p. 161):

Em um pólo, os recursos telemáticos oferecem a possibilidade de ler determinado fenômeno a partir de outro ponto de vista. Em outro pólo, estes mesmos recursos telemáticos oferecem aos sujeitos em interação digital à percepção de recorrências entre as suas circunstâncias e a dos sujeitos sociais com quem se relacionam no ambiente digital, uma vez que, embora distantes geograficamente, podem viver circunstâncias históricas semelhantes.

Entendemos não se tratar de substituição do ensino presencial pelo ensino à distância, mas, de considerar a visão dialógica, capaz de aproximar e separar, simultaneamente, na viabilização do saudável processo educacional, quando a modalidade presencial não for possível.

Edgar Morin, ao propor a epistemologia da complexidade que, pressupõe uma reforma do pensamento, com a substituição do reducionista pelo complexo, nos leva a refletir sobre a educação à distância que, ao seu tempo, considera o movimento dialógico de autonomia e dependência para a auto-eco-organização do sujeito. Se o ser humano é uma tríade sociedade-indivíduo-espécie que, aprende e se desenvolve a partir

do convívio com o outro, com a comunidade e em interação com outros seres, no planeta, como resolver o impasse geográfico e, promover o encontro virtual?

Pesce e Hessel compreendem o espaço das atuais tecnologias da informação e comunicação – TIC – com grande potencial criativo de aprendizagem e de troca de experiências (2009, p. 160):

A noção de sujeito auto-eco-organizador ratifica a importância de se garantir ao educando acesso e manuseio crítico às TIC, percebidas como mediadoras da intersubjetividade necessária ao desenvolvimento dessa autonomia. Isso porque o ambiente digital consubstancia-se como importante espaço contemporâneo de trocas socioculturais. Um dos assuntos em voga hoje em dia é a potencialidade das redes sociais em meio digital para a construção de ações de emancipação humana.

Vale lembrar o momento atual de intensa crise política no Brasil que, tem atribuído importante papel comunicacional e aglutinador às redes sociais, com diferentes chamados de ordem e organização instantânea de movimentos de rua.

Já, a escola tradicional tem seus currículos com disciplinas, cada vez mais fragmentadas, desconectadas umas das outras e descontextualizadas dos problemas contemporâneos. Paulo Freire (2015) também indica a desconexão entre o que é ensinado e a realidade dos alunos. Para o autor ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Cabe à educação, incluindo a EAD, promover a socialização dos saberes e das vivências individuais e particulares dos alunos, por meio do convívio social. É na experiência do diálogo, da solidariedade, da fraternidade, de que nos fala Morin (2003) que, é possível integrar os diferentes modos de pensar.

Precisamos de uma educação que permita ao aluno se preparar para enfrentar as incertezas e as contradições da vida, uma educação que ligue todas as coisas, do simples ao complexo, de maneira responsável e transdisciplinar. Para Petraglia (2013, p.87), “*a transdisciplinaridade religa os saberes, atribuindo o mesmo valor do todo à parte, não importando qual seja o ponto de partida ou o de chegada*”.

Vivemos em um mundo globalizado e somos impactados, diariamente, por situações das mais diversas partes do planeta, mas, nem sempre nos sentimos inseridos nesses acontecimentos. Morin (2000; 2003) nos chama à atenção sobre as nossas ausências e sobre o descompromisso. Geralmente, não somos solidários aos fatos que ocorrem à nossa volta, tampouco nos sentimos responsáveis por eles! Só quando nos colocamos no lugar do outro de maneira solidária e responsável, podemos perceber que

os problemas dele também são nossos e passamos a ter a visão de como os problemas globais reverberam em nossa vida. Isso é educar para a cidadania planetária.

Freire também sinaliza sobre a grave crise cívica e a falta de percepção global que enfrentamos e, afirma que (2015 p. 34) “*a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza*”. Prática que, segundo Morin (2000; 2003) deve incluir, necessariamente, o preparo para o enfrentamento das incertezas do mundo, a convivência com o erro e a ilusão do conhecimento, a prosa e a poesia. Preocupamo-nos em dar aos nossos alunos um ensino programático, enquanto a vida exige de todos e de cada um, uma visão estratégica, complexa.

Entendendo a complexidade do pensamento a partir da compreensão de que “*cada qual possui um jeito todo próprio de manifestar-se, de ver a vida e de senti-la*” (PETRAGLIA, 2001, p. 25), por isso, a forma única, singular de cada um reflete nas relações com o outro, família, amigos; com a comunidade, trabalho, grupos, igreja; com o planeta, por meio de nossas ações auto-eco-organizadoras sustentáveis, regeneradoras, transdisciplinares para a aprendizagem da condição humana.

DESAFIO DA EAD PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ

Estamos na era do conhecimento. A cada dia milhões de novas informações e conceitos são disponibilizadas para nossa utilização. As empresas incentivam a aprendizagem contínua, e colocam o colaborador como protagonista de sua carreira, com a responsabilidade de se manter atualizado.

As tecnologias, cada vez mais disponíveis às pessoas se tornam importantes ferramentas para a aquisição do conhecimento e as políticas públicas as têm colocado como estratégia central, no cerne das preocupações educacionais. Exemplos dessa dinâmica são: a Universidade Aberta do Brasil e a Escola Técnica Aberta do Brasil, que, nas últimas décadas ampliaram a educação à distância, principalmente com a abertura de pólos de apoio presencial aos estudantes, conforme os Decretos nº 5.622 de 2005, nº 5.773 de 2006 e a Portaria Normativa nº 2, de janeiro de 2007.

É possível observar a EAD como uma porta de entrada de vários excluídos do processo educacional. É uma possibilidade de se fazer realizar as aspirações da UNESCO de uma educação para todos, em todo o momento e lugar, ao longo de toda a vida. (UNESCO, 1994).

No entanto, ela ainda apresenta muitos desafios a enfrentar, sobretudo no que tange à qualidade do ensino. Para isso, Arredondo (2003; 2009) destaca dimensões que precisam ser observadas para a melhoria da qualidade:

Preparação dos Profissionais: A preparação dos profissionais que possuam alguma responsabilidade no processo de ensino nas plataformas de EAD, tanto nos aspectos didáticos quanto nos tecnológicos. Profissionais preparados conduzirão os seus trabalhos por uma linha muito mais clara e organizada, evitando-se assim, várias improvisações no ambiente educacional. Os professores deverão estar preparados para lecionar para um ‘aluno invisível’.

Para Ferraz e Mercado (2012. p. 50) o processo educativo na modalidade EAD precisa ter um planejamento criterioso, pois a medição do aprendizado dos alunos não ocorre na presença de um professor. Isso faz com que o aluno tenha de ser gestor do seu processo educativo, precisando desenvolver as habilidades de auto-aprendizado, autodisciplina e auto-avaliação, cabendo ao docente se preparar para auxiliar o aluno nessa tarefa.

Formação e capacitação específica: Para Arredondo (2003; 2009) essa modalidade de educação deve levar em conta:

- a) Bases metodológicas, material didático específico, desenho, programação, jogos, execução e sistema de intercomunicação focado no ambiente de EAD;
- b) Alunos, professores e equipe administrativa com suas necessidades profissionais atendidas para um ambiente de aprendizado tão específico;
- c) Aspectos materiais de organização, assistência tecnológica, centros tutorias.

Mais um desafio da EAD é promover a leitura crítica da realidade pelo estudante, com vistas à formação de um cidadão planetário. Tendo por base o *complexus* - do latim - o que é tecido junto, os saberes devem estar articulados entre si e ultrapassar fronteiras disciplinares. É preciso ainda, nesta modalidade, estimular a aprendizagem coletiva e a colaboração entre os pares, já que o aluno é privado das relações interpessoais presenciais do contexto escolar.

A EAD é uma metodologia promissora, que veio pra responder às exigências dos tempos atuais, porém se faz necessário difundir e aperfeiçoá-la, ainda mais. Muitos docentes carecem de um “letramento digital”, preparo adequado para o ensino em ambientes de infraestrutura tecnológica, redes, conexões, equipamentos que, aliás, também ainda são precários e insuficientes, no Brasil.

Quanto à utilização de jogos no contexto educacional, seja presencial ou à distância, consideramos que é uma importante ferramenta para estimular o pensamento crítico acerca do conteúdo ministrado. Além dos artefatos lúdicos que possibilitam experimentar condições diversas, os jogos despertam a curiosidade, o desenvolvimento do pensamento criativo do jogador, além de propiciar melhor compreensão dos assuntos subjacentes inseridos nas regras do jogo. Para o estudante se tornar um jogador cada vez melhor é preciso aprender e demonstrar desempenho satisfatório. Nessa dinâmica o jogo se constitui em importante instrumento de mudança individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as reflexões aqui desenvolvidas, as possibilidades e dificuldades da EAD, entendemos que é necessário o acolhimento das contradições próprias dos seres e dos saberes. É preciso ampliar o olhar e direcioná-lo para as perspectivas que possibilitem a inserção dos sujeitos na sociedade e no mundo.

Um caminho possível para o enfrentamento dos desafios é o estabelecimento do diálogo com o compartilhamento de resultados que já são produzidos no ambiente do ensino virtual. É preciso aprender com os erros e acertos de novas e diferentes práticas educacionais que visam à dimensão complexa e transdisciplinar do conhecimento. Sem esquecer-se de uma afirmação recorrente de Morin, ao longo de sua obra, de que o grande desafio da complexidade é conviver com as incertezas do próprio conhecimento (MORIN, 2000; 2003).

Os jogos poderão ter um papel importante nesse contexto como estratégia para o ensino-aprendizagem, uma vez que eles carregam, em essência, a possibilidade de expressar emoções, elaborar saberes, compartilhar objetivos e necessidades, os sujeitos estando ou não em ambientes físicos distantes.

Concluimos, de acordo com Moraes, quando afirma (2008, p. 131):

Isto porque não somos apenas seres físicos e biológicos, mas também, simultaneamente, seres político-sociais, culturais, espirituais etc. e todas essas dimensões constitutivas dos processos e fenômenos sociais estão presentes nos processos de construção do conhecimento e na aprendizagem.

É o *homo complexus* em suas dimensões de sabedoria e loucura que produz conhecimento, amores, prosa e poesia na relação consigo, com o outro, com a sociedade e com o planeta, a partir do encontro, seja presencial, ou seja, virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. Educação a Distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. RBAAD – Revista Brasileira da Associação de Ensino à Distância – RJ, Vol. 10, 2011. (p.83-92). Disponível em http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf.

Acesso em 20 março 2016.

ARREDONDO, S. C. Formación/capacitación del professorado para trabajar em EAD. Educar em Revista, Curitiba: Editora UFPR, n. 21, 2003. (p. 13-27).

ARREDONDO, S. C. Avaliação educacional. São Paulo: Unesp, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dezembro 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm. Acesso em 20 março 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto n. 5.773/06, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre as funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de ensino superior, Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 Maio 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm. Acesso em 20 março 2016.

DERMÍNIO-POSTEARE, D. S. O tutor no ensino a distância: considerações sobre o elemento humano da mediação educativa com tecnologia. (Dissertação de Mestrado em Educação Escolar). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2015.

FERRAZ, E.S.; MERCADO, L. P. L. Avaliação da aprendizagem no curso de pedagogia à distância. Revista Edapeci, Maceió, ano VI, vol. 12, n.12, 2012, (p. 49-66). Disponível em www.seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/download/913/799. Acesso em 20 março 2016

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOUVÊA, G. e OLIVEIRA, C. I. Educação à Distância na Formação de Professores: Viabilidades, potencialidades e limites. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

MARTINS, O. B. Teoria e prática tutorial em educação à distância. Educar em Revista. n. 21. Curitiba: Editora UFPR, 2003. (p. 153-171).

MELLO, A. M. Psicomotricidade, educação física e jogos infantis. São Paulo: IBRASA, 1989.

MORAES, M. C. Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação – novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

MORAN, J. M. Novos caminhos do ensino a distância. Rio de Janeiro: CEAD – Centro de Educação a Distância – SENAI, ano 1, n.5, 2002. (p. 1-3).

MORIN, E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PESCE, L.; HESSEL, A. *Formação online de educadores: a perspectiva dialógica como princípio*. In ALMEIDA, C.; PETRAGLIA, I. (Orgs.). Estudos de Complexidade 3. São Paulo: Xamã, 2009. (p. 153-174).

PETRAGLIA, I. Olhar sobre o olhar que olha: complexidade, holística e educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

PETRAGLIA, I. Pensamento complexo e educação. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

TEIXEIRA, N.; ALVES DE SALES, N.; TENÓRIO, T.; TENÓRIO, A. As competências socioafetivas: aceitação e honradez segundo a percepção de tutores a distância. RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2015. (p. 129-149). Disponível em <http://revistas.uned.es/index.php/ried/article/view/13804/12484>. Acesso em 24 março 2016.

UNESCO. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: CORDE, 1994.

VASCONCELOS, S. P. G. Educação a Distância: histórico e perspectivas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/19.htm>. Acesso em 24 março 2016.